# INTRODUÇÃO DA SEMENTE PECUÁRIA

RENATO BRAGA

## Domesticação americana

A América revela-se aos descobridores como um mundo realmente nôvo. Tudo aqui era diferente da Europa e ultrapassava o que a imaginação dos antigos havia desenhado. Na grandiosidade de seus cenários encontravam-se áreas culturais que iam das populações errantes às civilizações construtoras de cidades e de impérios. As últimas possuíam complexa organização social. Praticavam uma agricultura desenvolvida, às vêzes intensiva, em que se faziam presentes até a irrigação e a adubação. Opostamente, estavam as tribos nômades, mergulhadas no barbarismo neolítico. Tais extremos, entretanto, desconheciam a vida pastoral. Não havia no continente americano as espécies domésticas da Eurásia, nem mesmo no estado selvagem. Os ameríndios dependentes do búfalo e do caribu, que em manadas imensas pastavam nos vales do Mississípi ou de Mackenzie, jamais tentaram domesticá-los. A abundância dêsses ruminantes, que somavam milhões, talvez tenha sido a causa do desinterêsse daqueles índios por tão fascinante experiência.

Eram raros os exemplos de domesticação na fauna da terra recém-descoberta. Nos altiplanos andinos os incas apropriaram-se do lhama, da alpaca, da cobaia. As velhas civilizações da meseta mexicana tinham abelhas e perus. As formas domésticas do pato estendiam-se dos povos araucanos

aos limites setentrionais das altas culturas do México. Essas domesticações, ou melhor, semidomesticações, não vincaram a paisagem humana com um traço substancial capaz de caracterizá-la. Nem mesmo a original domesticação peruana. Faltava ao quadro o gado pròpriamente dito.

Ressalte-se, porém, que se os aborígines, na sua quase totalidade, não haviam chegado à domesticação, preludiavam-na, todavia, povoando as moradas de bichos do mato arrebatados aos ninhos, arrancados às mãos ou pegados já grandes e submetidos ao amansamento. Entre êles havia os totêmicos, os produtores de adornos, os reservados às trocas. A maioria destinava-se ao recreio de seus possuidores.

"Quem visita uma aldeia selvagem — escreveu Couto Magalhães — visita quase que um museu de zoologia da região em que está a aldeia; araras, papagaios de todos os tamanhos e côres, macacos de diversas espécies, porcos, quatis, mutuns, veados, avestruzes, seriemas e até sucurijus, jibóias e jacarés, eu tenho visto nessas aldeias onde são alimentados pelos selvagens com acurada paciência."

Eram os **mimbabas** ou **xerimbabos**, como os chamavam os nossos brasis da língua tupi. O gôsto singular do índio pelos seus **xerimbabos** ia a ponto de tratá-los como irmãos.

## Donde veio o gado para América?

A princípio, da península ibérica, dos Açôres e dos arquipélagos fronteiros à África. Principalmente das Canárias e do Cabo Verde.

Próximas ou mergulhadas nos trópicos, na linha de navegação atlântica equatorial, essas ilhas prenunciaram a conquista do mundo extra-europeu. Aí escalavam obrigatòriamente as armadas para curar os danos das tempestades, completar as vitualhas, descansar a maruja antes e depois de cometer a dura travessia, em busca do Oriente ou do Ocidente. Viveiros de sementes, plantas e animais, elas aprovisionaram os iniciadores da colonização americana e ensinaram-lhes a técnica da lavoura e da indústria da cana-de-

-açúcar. Foram, ao mesmo tempo, base naval, escola preparatória e centro de aclimação entre a Ibéria e o Nôvo Mundo.

Colombo, ao realizar a sua segunda viagem, trouxe da Espanha limitado número de vacas, ovelhas, galinhas e grande quantidade de sementes e mudas de árvores frutíferas. Também embarcou os primeiros eqüinos. Sabe-se que os cavalos foram comprados em Sevilha e escolhidos entre os melhores, porém mãos gananciosas os substituíram na ocasião do embarque por outros de inferior qualidade. Ao passar pelas Canárias, a armada demorou-se dois dias em Gomera uma das ilhas dêste arquipélago, onde recolheu alguns bezerros, cabras, ovelhas e oito porcas.

Foram êstes os primeiros animais domésticos desembarcados no Nôvo Mundo, a 23 de novembro de 1493, em Espaniola, hoje Haiti. Passados dez anos, a Espaniola estava inçada de gado de tôda sorte. Possuía até cães adestrados a combater os nativos, tão ferozes que, segundo Las Casas, "podiam matar cien indios por hora".

Sob o pendão de Castela, a partir da conquista do México, o gado espalha-se pelo rosário antilhano, pelo continente fronteiro e chega à América do Sul, sementando as bordas caribenhas, o espinhaço andino e as planuras pampianas.

Contemporâneamente aos espanhóis, o mesmo faziam os portuguêses no quinhão que lhes tocou. De fato, achado o Brasil, a costa começa a ser visitada. Desenham-se algumas feitorias, oficiais ou clandestinas, perdidas no litoral abraçado pelo Santo Agostinho e Cabo Frio. Nesses pontos humanos vinculados ao tráfico do pau-brarsil germinaram os primeiros grãos e criaram-se os primeiros animais europeus. Certamente os de fácil reprodução e porte reduzido. O porco e a galinha, por exemplo. Acomodavam-se nos pequenos navios e podiam arrostar as grandes viagens por não exigirem forrageamento especial. Nutriam-se das sobras do rancho da tripulação. O porco ainda higienizava as naus.

Ràpidamente se disseminaram pela costa brasileira. A título de oferenda aos chefes nativos ou como cousa de negócio de resgate, porcas pejadas e casais de galinhas passa-

ram do abrigo das feitorias ou dos conveses de bordo para o terreiro das tabas e daí ganharam o mundo ao sabor da migração e barganhas indígenas. Pigafetta, cronista da expedição de Fernão de Magalhães, assinalou, em fins de 1519, a presença da galinha entre os selvagens do Rio de Janeiro. Quando Sebastião Caboto arribou para Pernambuco, no ano de 1526, pôde levar da feitoria ali existente duas porcas com os respectivos bácoros. Dois anos depois tocou nesse mesmo sítio Luiz Ramirez, que se abasteceria de muitas galinhas.

O gado grosso apareceria logo depois.

Criadas as capitanias, já em 1534, desembarcavam em São Vicente reprodutores de diversas castas de gado, mandados buscar em Cabo Verde por dona Ana Pimentel, consorte e procuradora de Martim Afonso de Sousa, donatário da capitania. No ano seguinte, Duarte Coelho introduzia-os em Pernambuco. O mesmo devem ter feito os outros donatários que viram naufragar fortuna e esperanças ante as insídias da terra virgem e os açoites do infortúnio. Tomé de Sousa importou-os para a Bahia. A leva inicial, um novilho e quatro vacas, chegou a Salvador em 1549. Pastoreou a semente da governadoria-geral Pedro Gonçalves d'Alpedrinha, oficialmente o primeiro vaqueiro baiano. Pelo seu trabalho recebeu 333 réis em agôsto do ano citado.

## Núcleos brasileiros de irradiação

Para o Brasil o gado veio de Cabo Verde e algum de Portugal, afirmam os coetâneos.

Em Portugal, o rebanho vacum vivia à sôlta. Schashek, pelas alturas da metade do século 15, nos transmite a imagem da pecuária ibérica àquele tempo e que era a mesma por ocasião da arrancada oceânica. "Na Espanha e em Portugal o gado não fica perto das casas, pois seus donos lhe colocam um sinal e o largam nas selvas e desertos." Allás, esta maneira de criar não era peculiar à Ibéria. Criava-se assim à roda da bacia mediterrânea, onde a amenidade do clima não impunha alimentar e abrigar as reses por ocasião do frio hibernal. A

população pecuária não possuía raças no sentido em que hoje empregamos essa palavra. Não havia nem mesmo a palavra raça. Havia variedades locais, nascidas sob o imperativo das condições mesológicas, quase sem a intervenção modificadora do homem. Bois, ovelhas, cabras, porcos e aves viviam por assim dizer à lei da natureza, adequados mais ao meio geográfico do que a uma função econômica. Fugia à regra o cavalo, cujas nobres qualidades e o lugar que desempenhava junto à casta fidalgo-militar, cercavam-no de tratos desconhecidos das outras espécies domésticas e faziam-no um dos mais belos e melhores eqüinos da Europa. Por seu lado, o gado cabo-verdiano, luso na origem, talvez tivesse sangue africano. Hipótese viável pela proximidade da Costa da Guiné, onde os proprietários insulares se aprovisionavam de escravos e certamente de indivíduos do armento guineense. Ora, se brancos e pretos se mesclavam, o que não aconteceria a reses européias e africanas criadas à sôlta?

A terra e o clima do Brasil mostram-se propícios a esta semente rústica, afeita às intempéries e aos pastos grosseiros, mais tropical do que temperada.

Amiúdam-se as entradas. Cada barco que chega traz o seu contributo. Até os de torna-viagem da África e Ásia. A reprodução, por exigência econômica e exaltação genésica, faz-se precocemente. A prova de continuados desembarques e de que o ambiente não admitia alfeiros, temo-la na fazenda de Garcia d'Ávila, fundador da Casa da Tôrre. Iniciada em fins de 1550, com duas vacas, das quatro que encabeçaram a primeira importação promovida por Tomé de Sousa, dois anos depois possuía em Itapagipe perto de duzentas cabeças bovinas, fora porcos, cabras e éguas. Pernambuco, sob o impulso do açúcar, tornou-se logo terra de "fazendas maiores e mais ricas que as da Bahia", com "muitas criações de vacas, porcos, galinhas", informa Cardim em 1582. Sob o Capricórnio, São Vicente tinha as melhores vacas do Brasil.

Da Bahia, de Pernambuco e de S. Paulo, ao findar 1500, já se irradiavam tentáculos curraleiros em busca das terras sertanejas.